



Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano

Luiza Milano ⁱ (UFRGS)

Aline Stawinski ⁱⁱ (UFRGS)

Janaína Gomes ⁱⁱⁱ (UFRGS)

Resumo: O presente artigo apresenta uma reflexão acerca da noção de escuta no campo da linguística, a partir do legado de Ferdinand de Saussure. Para tanto, o percurso de leitura que ora empreendemos partirá da consideração dos conceitos de fala, falante/ouvinte e imagem acústica em três fontes distintas, o *Curso de Linguística Geral*, os *Escritos de Linguística Geral* e o manuscrito *Phonétique*. Nossa hipótese é a de que a escuta do aspecto fônico da língua não só subjaz à reflexão saussuriana como auxilia na interpretação da interdependência entre os conceitos de língua e fala.

Palavras-chave: escuta; fala; Ferdinand de Saussure; imagem acústica; ouvinte

Résumé: Cet article présente une réflexion sur la notion d'écoute dans le domaine de linguistique à partir de l'héritage de Ferdinand de Saussure. Pour ce faire, notre parcours de lecture part de la considération des concepts de parole, parlant/auditeur et d'image acoustique véhiculés dans trois sources distinctes de la pensée saussurienne, à savoir le *Cours de Linguistique Générale*, les *Écrits de Linguistique Générale* et le manuscrit *Phonétique*. Notre hypothèse consiste à concevoir l'écoute de l'aspect phonique de la langue non seulement comme élément sous-jacent à la réflexion saussurienne mais aussi en tant que notion qui contribue à l'interprétation de l'interdépendance entre les concepts de langue et parole.

Mots-clés: écoute; parole; Ferdinand de Saussure; image acoustique; auditeur

Introdução

O presente artigo tem como objetivo registrar um conjunto de reflexões que tem nos acompanhado ao longo dos últimos três anos em que nos dedicamos à pesquisa do aspecto fônico na obra saussuriana. Não raras vezes, ao investigarmos exaustivamente fontes manuscritas ou editadas do linguista genebrino Ferdinand de Saussure, deparávamo-nos com a inquietante pergunta sobre o lugar do falante, do ouvinte e da escuta em suas reflexões.

Nesse sentido, no presente trabalho buscaremos trazer a público os primeiros passos de nossa investigação sobre o lugar que a noção de escuta ocupa no legado de Saussure. Obviamente temos a clareza de que esse não é um termo ou conceito registrado nas anotações e/ou edições de seu ensino ou de suas pesquisas privadas. Estamos, portanto, propondo pesquisar e avançar nos estudos sobre a noção de escuta no âmbito dos estudos da linguagem a partir do legado do linguista genebrino. Nossa hipótese é que há, no corpus que elegemos para iniciar nossa investigação, uma preocupação de Ferdinand de Saussure com o efeito produzido pelo aspecto fônico da(s) língua(s).

Para o presente estudo, como já mencionamos, as fontes saussurianas pesquisadas têm naturezas deveras distintas. Iniciamos com o conhecido *Curso de Linguística Geral*, editado por Charles Bally e Albert Sechehaye, obra póstuma que comemora, em 2016, cem anos de publicação. Consultamos também os *Escritos de Linguística Geral*, material editado por Simon Bouquet e Rudolph Engler, documento que contém o manuscrito “Sobre a dupla essência da linguagem” que, segundo os editores, teria dado forma a um possível livro publicado pelo professor genebrino. Finalmente, recorreremos ao manuscrito *Phonétique*, texto conhecido também como “manuscrito de Harvard”, material sob a curadoria da linguista italiana Maria Pia Marchese. A escolha do *Curso de Linguística Geral* e dos *Escritos de Linguística Geral* justifica-se, de um lado, em função da amplitude que tais obras têm no campo da linguística saussuriana, e, de outro, por desejarmos convidar o leitor a retornar a essas fontes já conhecidas, a partir da reflexão que ora propomos. Já o manuscrito *Phonétique* não tem a mesma visibilidade entre os estudiosos do legado de Saussure. Nesse sentido, nossa proposta, ao veicular alguns achados dali provenientes, é colaborar com a publicização de excertos desse material, por constataremos que, em seus apontamentos sobre o aspecto fônico da língua, Saussure igualmente mostrava uma preocupação com a noção de escuta.

Retornando ao *Curso de Linguística Geral*

Conforme apontado acima, a consulta que fizemos ao *Curso de Linguística Geral* (doravante *CLG*) é, na verdade, um retorno ao conhecido texto fundador da linguística moderna. Não se trata, no entanto, de revisar o construto teórico saussuriano a partir de seus conceitos primordiais - língua, sincronia e valor -, mas de lê-lo levando em conta o que nos parece ser, como já mencionamos, uma noção de escuta, diluída, embora não menos referenciada, ao longo de todo o texto. Assim, nosso percurso, neste primeiro momento em que tratamos do *CLG*, será o de pontuar os termos e as noções que fazem referência ao que ora denominamos noção de escuta.

Ao definir o objeto da linguística, no início do *CLG*, Saussure enumera os diversos fenômenos que compõem o fato linguístico. Já nessa passagem, encontramos a primeira menção à relação entre a impressão acústica e o ouvido. De fato, Saussure nos diz:

As sílabas que se articulam são impressões acústicas percebidas pelo ouvido. Mas os sons não existiriam sem os órgãos vocais; assim, um n existe somente pela correspondência desses dois aspectos. (SAUSSURE, 1974, p.15)

Nesta passagem, vemos a preocupação do linguista em olhar para o objeto de estudos sem ignorar sua complexidade: Saussure diz que, independentemente do ponto de vista adotado, o fenômeno linguístico apresenta duas faces. Ou seja, apesar de o aparelho fonador não ser o objeto de estudos do linguista, não podemos ignorar que é tal aparelho que possibilita a produção de sons que passarão a ser significantes na língua. A “materialidade” das unidades concretas da língua constitui-se, portanto, em uma das condições para que se possa ter a impressão de sons enquanto entidades linguísticas. Sendo assim, conforme lemos no *CLG*,

Não se pode reduzir então a língua ao som, nem separar o som da articulação vocal; reciprocamente, não se podem definir os movimentos dos órgãos vocais se se fizer abstração da impressão acústica (Ibid., p.15-16).

Tal observação parece opor-se, de um lado, à separação que havia entre os estudos da *lautphysiologie* (o estudo dos sons propriamente ditos), que era então a fonologia da época, e, de outro, aos estudos da evolução dos sons, à época, chamado de fonética histórica.

Nossa retomada do *CLG* mostrou que os apontamentos de Saussure quanto à “dualidade” fonética/fonologia se fazia presente para que fosse possível seguir uma trajetória de estudos que não estivesse contemplada por nenhum desses dois pontos de vista. A partir das suas observações, acreditamos que o linguista já vislumbrava a fonologia que hoje conhecemos: o estudo do significante linguístico a partir do sistema de relações que opera na língua. Esse ponto de vista é ainda mais reforçado após a leitura do manuscrito *Phonétique*, conforme destacaremos mais à frente. De fato, veremos que a discussão sobre fonética/fonologia pode ser relacionada diretamente com a posição de escuta na língua.

Não por acaso, o *CLG* apresenta em sua “Introdução” um capítulo dedicado à fonologia e, em seguida, um apêndice sobre o mesmo tema, em que encontramos uma definição de fonema que pressupõe o aspecto perceptivo das diferenças entre os sons. Parece-nos importante destacar tal aspecto, visto que ainda circulam no meio acadêmico recorrentes críticas ao fato de a fonologia presente no *CLG* ser correspondente ao que conhecemos como a fonética contemporânea. O alerta é dado nos primeiros parágrafos desse apêndice, ao lermos que “[...] pelo ouvido, sabemos o que é um *b*, um *t* etc.” (SAUSSURE, 1974, p.49, grifos do autor). Será algumas páginas mais adiante que encontraremos o detalhamento da unidade em questão:

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia. (Ibid., p. 51)

O “som”, assim, longe de ser tomado apenas no seu aspecto de produção, é considerado também pelos efeitos que provoca a partir da “impressão acústica”, perceptível ao ouvinte. “Impressão” e “movimentos articulatórios” estão postos lado a lado nesta passagem do *CLG*.

Importante lembrar que há oscilações terminológicas no *CLG* concernentes à porção significante do signo linguístico. Embora haja predominância da utilização do termo “imagem acústica”, o que já é motivo para detalhada interpretação desse sintagma, encontramos também algumas ocorrências do termo “imagem auditiva”. É o que vemos, por exemplo, no capítulo “O valor linguístico” (SAUSSURE, 1974, p.133)¹.

¹ “[...] como acontece que o valor, assim definido, se confunda com a significação, vale dizer, com a contraparte da imagem auditiva?”.

Será justamente pelo viés da imagem auditiva que o falante-ouvinte se enlaça na língua, através da fala: “A língua é para nós a linguagem menos a *fala*. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.” (Ibid., p.92, grifos do autor). Como interpretar essa passagem? Se a língua é a linguagem menos a fala, compreender a fala de alguém é ter acesso, por meio da pista da imagem auditiva, à fala do outro, àquilo que comungamos, e, portanto, à língua.

De fato, Saussure faz menção ao raciocínio que acabamos de expor valendo-se de uma ilustração que tem como mote a tomada de contato com línguas estrangeiras:

Quando ouvimos uma língua desconhecida, somos incapazes de dizer como a sequência de sons deve ser analisada; é que a análise se torna impossível se se levar em conta somente o aspecto fônico do fenômeno linguístico. Mas quando sabemos que significado e que papel cumpre atribuir a cada parte da sequência, vemos então tais partes se desprenderem umas das outras, e a fita amorfa partir-se em fragmentos; ora, essa análise nada tem de material (Ibid., p.120).

À ilustração que evidencia o aspecto acústico como componente da língua - condição para a compreensão dos dizeres -, Saussure acrescenta também uma reflexão acerca do que nos parece remeter-se à aquisição de língua materna. Com efeito, o linguista nos diz que “é ouvindo os outros que aprendemos a língua” (Ibid., p.27).

Além da correlação entre som e ouvido, da associação entre som e percepção, a noção de escuta no legado saussuriano parece estar também presente pelo que o linguista chama de efeito(s):

No estudo dos sons isolados, basta verificar a posição dos órgãos: **a qualidade acústica do fonema não entra em questão; ela é fixada pelo ouvido**; quanto à articulação, tem-se toda a liberdade de a produzir como se quiser. Mas quando se trata de pronunciar dois sons combinados, a questão é menos simples; **estamos obrigados a levar em conta a discordância possível entre o efeito procurado e o efeito produzido; não está sempre ao nosso alcance pronunciar o que desejamos** (Ibid., p.63, grifos nossos).

A noção de efeito(s) acústico(s) está diretamente ligada, na teoria saussuriana, aos conceitos de identidade e de valor, afinal, como constatar que um som pertence a um sistema - e, portanto, que significa nesse sistema linguístico dado - sem, anteriormente, observar sua identidade com as demais unidades da língua? De fato, com a ilustração referente a línguas estrangeiras, a noção de escuta se revela como fator imprescindível para

a identificação - ou não - de um som como componente de um sistema (des)conhecido. Ainda, pela reflexão acerca da conformação da primeira língua de um falante, a escuta mostra-se como fator predominante, já que é ouvindo os outros que produzimos os sons da língua materna e que conformamos, portanto, tal sistema. E, finalmente, pelo exemplo acerca do(s) efeito(s), vemos a importância da escuta para a pronúncia, já que, é através daquela que indentificamos a identidade de um som e procedemos à tentativa de pronúncia dele: “presença de uma correlação percebida entre dois sons”, “percebida pela língua” (Ibid., p.28).

Através dessa exploração inicial da noção de escuta no conhecido texto do *CLG*, podemos perceber significativos indícios que apontam para a importância da escuta do falante/ouvinte na elaboração do raciocínio de Ferdinand de Saussure. Convidamos o leitor a seguir nossa empreitada, ao destacarmos excertos de outra importante publicação de documentos saussurianos, os *Escritos de Linguística Geral*.

Nas linhas dos *Escritos de Linguística Geral*

Os *Escritos de Linguística Geral* (doravante *ELG*), publicação que reúne um manuscrito encontrado na residência da família de Saussure em 1996 e antigos documentos já anteriormente publicados por Rudolf Engler em 1968, constituem, hoje, uma fonte preciosa de consulta para os estudiosos do legado saussuriano. Essa importante obra editada por Bouquet e Engler também apresenta fortes indícios da noção de escuta. Passaremos a destacar, a seguir, alguns de nossos achados.

Uma das temáticas fortemente presentes nos *ELG* é a da indissociabilidade entre a forma e o sentido. Inicialmente, teremos como foco o documento intitulado “Sobre a essência dupla da linguagem”, que nos presenteia já no início com a seguinte constatação: “É errado (e impraticável) opor a forma e o sentido. O que é certo, em troca, é opor a figura vocal, de um lado, e a forma-sentido de outro” (SAUSSURE, 2004, p.21). O que, afinal, pode-se tomar como figura vocal e forma-sentido? Conforme os apontamentos do linguista, podemos chamar de figura vocal o som entendido apenas no seu aspecto material; já a forma-sentido seria a relação - imprescindível - entre o aspecto material e o signo²

² É importante lembrar que no manuscrito “Sobre a essência dupla da linguagem” (SAUSSURE, 2004) há uma oscilação na utilização no termo “signo”. Ele é ora utilizado para apontar apenas a porção material do signo linguístico (o que depois passa a ser nomeado como “significante”) e ora ele é utilizado para a unidade em sua totalidade (conjunto de significado e

linguístico (significante-significado). Ou seja, é preciso destacar dois modos de se levar em consideração o que Saussure denomina fenômeno vocal: (1) o fenômeno vocal como tal e (2) o fenômeno vocal como signo:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental (...) O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato 'físico' do som por oposição ao fato 'mental' da significação (Ibid., p. 24, grifos do autor).

Essa passagem é necessária para destacarmos a diferença entre *som* e *forma*, levando em consideração, igualmente, nossa discussão sobre fonética, fonologia e signo. Entendemos que o fenômeno vocal como tal é o som tomado apenas a partir de suas propriedades físicas - é o som fora da perspectiva linguística; já o fenômeno vocal como signo ancora-se numa relação forma-sentido, imprescindível para o que poderia ser apenas "som" recortado pela língua. Esta oposição é fundamental para indicar o papel do elemento sonoro com valor, isto é, como pista metodológica na atividade do linguista: "Nós partimos do elemento fonológico como de uma unidade morfológica que adquire, sucessivamente, diferentes funções" (Ibid., p.28). Dessa forma, Saussure parece indicar que é sob efeito da percepção dos sons postos em relação uns com os outros que o linguista operará em suas análises. Trata-se da consideração das unidades fônicas a partir da noção de valor linguístico, conforme se pode ler a seguir: "[...] a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna signo" (Ibid., p.44, grifos do autor).

Esta discussão leva-nos a destacar o importante papel que Ferdinand de Saussure acaba por atribuir ao sujeito falante, chegando, por vezes, a equiparar os sintagmas "sujeito falante" e "língua": "A primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (ou seja, o sujeito falante) não percebe nem a idéia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A*" (Ibid., p.39). É impossível, a partir desse ponto de vista, fazer abstração do sujeito falante, visto que a própria delimitação do que é signo depende de seu reconhecimento por um falante-ouvinte. Não são poucas as passagens em que o genebrino ressalta o papel dos falantes para definir a existência de uma unidade linguística na sincronia. Estas referências não estão restritas à "Essência Dupla...", fazendo-se presentes inclusive nos "Antigos Documentos".

significante).

Saussure destaca: “Não esqueçamos que tudo o que existe no sentimento dos sujeitos falantes é fenômeno real” (Ibid., p.160). E, mais adiante, acrescenta que “no nono século, verdade é o que sentem os alemães do nono século, absolutamente mais nada” (Ibid., p.160). Constata-se, assim, que a percepção que os falantes têm da língua é fundamental na consideração do que é ou não uma unidade linguística em determinada sincronia:

A melhor prova de que a impressão acústica, por si só, tem um valor, é o fato de ser impossível, aos próprios fisiologistas, distinguir unidades no mecanismo da voz sem as unidades previamente fornecidas pela sensação acústica. O que faz um fisiologista ao explicar os movimentos para o *b*? Ele começa por estabelecer uma base na unidade que produz o *b* em seu ouvido (Ibid., p.212).

Saussure, longe de estabelecer divisões estanques, faz-nos olhar para a língua na sua complexidade, sem jamais abrir mão da importância do sujeito falante; este, na posição de ouvinte da língua, é responsável por definir e legitimar a existência mesma do signo, a partir da sua experiência de escuta da língua.

Nossa pesquisa, mostra-nos essa pequena amostra, é mais um indicativo da importância que a noção de escuta tem na reflexão do pensador genebrino. Seguiremos nossa investigação, buscando, a seguir, uma fonte manuscrita saussuriana não tão conhecida, mas não menos preciosa no que diz respeito ao tema de nossa investigação.

Desbravando o manuscrito *Phonétique*

O manuscrito intitulado *Phonétique*, pertencente ao acervo da biblioteca de Havard, faz parte de um conjunto de outros sete envelopes que contemplam cadernos de anotações da autoria de Ferdinand de Saussure, com datação aproximada entre os anos de 1883 e 1884. *Phonétique* refere-se ao envelope número oito. A linguista Maria Pia Marchese é atualmente a curadora do material, que foi publicado por ela em 1995. A proposta da pesquisadora foi a de organizar o conteúdo de forma integral, sem excluir passagens - posição editorial que se opõe à empreitada de Herman Parret (1994), estudioso que publicou alguns trechos do manuscrito *Phonétique* a partir dos excertos que interessavam a sua reflexão particular. Enfim, Marchese destaca, em longa introdução à publicação, detalhes das escolhas editoriais: com pouca intervenção, *Phonétique* é apresentado ao leitor com identificação das rasuras, passagens lacunares e escritas marginais, por meio de edição

diplomática³. O manuscrito é composto por cinco cadernos, somando 177 páginas de escritos inéditos, tendo como base questões voltadas ao aspecto fônico da língua. Apesar da época distante em que as anotações foram produzidas, Saussure presenteia-nos com passagens preciosas para pensarmos o lugar da materialidade do significante na linguística ainda hoje.

Primeiramente, a que se refere o título *Phonétique*? Conforme pudemos anunciar mais acima, não é à fonética que conhecemos atualmente. “*Phonétique*”, para Saussure, parece apresentar, em realidade, a proposta de um novo ponto de vista com relação aos estudos que eram feitos à época: da fonética como estudo da mudança do som no tempo, e da fonologia como o estudo da produção sonora a partir do aparelho fonador - isto é, sem considerar o papel do som no sistema linguístico somente os movimentos fonatórios. Percebe-se, entretanto, que a reflexão proposta pelo genebrino esboçada nesse manuscrito não estava alinhada a nenhuma destas orientações: Saussure demonstra preocupar-se com o aspecto material do signo, assim como com os efeitos produzidos por este, vislumbrando, assim, a importância do som tomado no sistema linguístico. A visada sincrônica do aspecto fônico pode ser destacada, inclusive, pelo uso que o linguista faz da expressão “fonética semiológica” (SAUSSURE, 1995, p.120).

O que encontramos nesse documento, não é o destaque à caracterização física da dos sons da língua, mas aos efeitos da produção sonora. E esse efeito é percebido e registrado através da escuta. Trata-se, portanto, da escuta do som como significante em um sistema linguístico determinado. Na seguinte passagem, o som como significante pode ser equiparado à expressão “um ruído sensível à orelha”:

L’ouverture pharyngo-vélaire [...] peut produire un bruit sensible à l’oreille qui aura naturellement le caractère d’une explosion mais seulement dans les conditions très spéciales qui vont être constituées (SAUSSURE, 1995, p.48)⁴.

Se o som não produz diferença de valor, este não é linguístico - caso que se dá na oposição entre implosão e suspensão: “Il n’y a jamais une opposition sensible à l’oreille entre implosion et stase” (Ibid., p.60)⁵. O falante, na posição de falante-ouvinte, recorta unidades linguísticas a partir do valor que estas operam na língua. E, como já anunciado no *CLG*, só há

³ Um manuscrito com edição realizada a partir de transcrição diplomática é aquele que apresenta uma representação datilográfica/digitada que respeita fielmente a topografia da página original.

⁴ A abertura faringo-velar [...] pode produzir um barulho sensível à orelha que terá naturalmente o caráter de uma explosão, mas somente nas condições deveras específicas que serão constituídas. (tradução nossa)

⁵ Não há jamais uma oposição sensível à orelha entre implosão e interrupção. (tradução nossa)

valor no reconhecimento da diferença. Sendo assim, conforme é apontado pelo linguista, “il est simplement fait appel au jugement de l’oreille” (Ibid., p.62)⁶: apenas o falante, na posição de escuta, é capaz de recortar as unidades linguísticas. Entendemos o “julgamento da orelha” como o julgamento do *falante-ouvinte*.

O termo “orelha”⁷ faz-se bastante presente no manuscrito, e é particularmente significativo observar com que palavras está associado: substantivos como “julgamento” e “sentimento”; verbos como “definir”, “compor”, “julgar”, “decidir”, “distinguir” (todas ocorrências em *Phonétique*) demonstram o papel crucial da delimitação do som como significante. Afinal, em uma perspectiva saussuriana, “Les différences seules sont l’objet de notre recherche; le groupement de phonèmes similaires non” (Ibid., p.77, grifos do autor)⁸. O que importa é a diferença. Como bem sabemos, um som é o que todos os outros não são.

Além das ocorrências que dão lugar a uma perspectiva do “ouvinte”, neste manuscrito há diversas passagens que definem o termo fonema. O que se pode compreender com tal conceito?

Phonème. 1º = Son de la parole par opposition à toute espèce de son.
2º État de la parole, opposé aux sons partiels, aux éléments dont il peut être composé: Z est un phonème, mais ni le son laryngien ni le son strident qui s’y distinguent à l’origine ne sont des phonèmes. Si le phonème est un son composé pour notre oreille, Étant donné un bruit on ne sait pas s’il pourra être phonème (Ibid., p.88, grifos do autor)⁹

Fonema está relacionado a um ponto de vista semiológico da língua, e não ao ponto de vista fisiológico e motor. A delimitação dos signos necessita da impressão acústica reconhecida pelo falante-ouvinte: “Délimitation au nom de la sémiologie du phonème (negative seulement) et ne venant qu’après la délimitation acoustique” (Ibid., p.91)¹⁰. O fato fonético, assim, é resultante da percepção do valor linguístico: “Le fait phonétique nous

6 É simplesmente convocado o julgamento da orelha. (tradução nossa)

7 Optamos por traduzir “oreille” por “orelha”, de acordo com a posição teórica de Parret (2002, 2014). A recorrência desse termo no manuscrito *Phonétique* indica tratar-se de um operador teórico importante, do qual nos ocuparemos em trabalhos futuros.

8 As diferenças isoladamente são objeto de nossa pesquisa; o agrupamento de fonemas similares, não. (tradução nossa)

9 Fonema: 1º = Som da fala por oposição à toda espécie de som.

2º Estado da fala, oposto aos sons parciais, aos elementos de que ele pode ser composto: Z é um fonema, mas nem o som laríngeo nem o som estridente que, na laringe é distinguido originalmente, são fonemas. Se o fonema é um som composto pela nossa orelha [.

Havendo um barulho, não se sabe se ele poderá ser fonema. (tradução nossa)

10 Delimitação em nome da semiologia do fonema (negativa somente) e que vindo somente após a delimitação acústica. (tradução nossa).

étant à son tour donné par la sensation auditive” (Ibid., p.98)¹¹. A “orelha” do falante-ouvinte decide se um elemento é ou não igual ao que lhe antecede ou sucede na cadeia da fala:

L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être. (Ibid., p.99)¹².

Eis a fonética semiológica definida por Saussure: a “phonétique sémiologique: s’occupe des sons et des successions de sons existant dans chaque idiome en tant qu’ayant une valeur pour l’idée (cycle acoustico-psychologique)” (Ibid., p.120, grifos do autor).¹³ Seus apontamentos levam-nos a considerá-la como tal, visto que Saussure parece tomar por objeto o valor que o som assume no jogo de relações e oposições na cadeia falada.

Assim, percebemos que, no manuscrito *Phonétique*, julgamento da orelha e delimitação acústica apresentam-se de forma integrada. De fato, considerar o som no sistema faz com que a delimitação acústica tenha efeito semiológico.

Encaminhamentos finais

Nosso percurso no presente trabalho tratou de investigar o lugar que a noção de escuta tem nos estudos de Ferdinand de Saussure. De fato, é evidente sua preocupação com o efeito produzido pelo aspecto fônico da língua no falante-ouvinte, tanto no *CLG* e nos *ELG* como no manuscrito *Phonétique*.

Com efeito, conforme destacamos, no *CLG*, a noção de escuta que propomos aparece através da referência a termos como *fonema*, *aspecto fônico*, *impressão/qualidade acústica* e *efeito produzido/procurado*. Já nos *ELG*, percebemos que tal noção se evidencia em expressões como *sensação/impressão acústica*, *figura vocal*, *sentimento do falante* e *ouvido*. Finalmente, no manuscrito *Phonétique*, *julgamento da orelha*, *delimitação acústica* e *percepção* parecem ser termos que ancoram a interpretação que fazemos da noção de escuta.

¹¹ O fato fonético sendo-nos, por sua vez, dado pela sensação auditiva. (tradução nossa)

¹² A orelha pode naturalmente decidir apenas as semelhanças, identidades e diferenças das percepções. Não são as percepções, mas suas causas que estão em uma dependência mútua ou poderiam estar. (tradução nossa)

¹³ Fonética semiológica: se ocupa dos sons e das sucessões de sons existentes em cada idioma enquanto portadores de um valor para a ideia (ciclo acústico-psicológico). (tradução nossa)

Acreditamos que, em nosso cotidiano de pesquisa, o espaço dedicado à questão do falante, do ouvinte e da escuta tem produzido uma renovação na forma de compreendermos conceitos até então dados como estabilizados. Nesse sentido, identificamo-nos com autores e leituras que têm atualizado a interpretação da obra saussuriana. A partir do legado de Ferdinand de Saussure, encontramos, no contexto atual, autores como Marchese (1995, 2009), com uma substancial reflexão sobre o manuscrito *Phonétique*; Parret (2002, 2014), com sua leitura ousada sobre a orelha e o ouvinte, também a partir do manuscrito de Harvard; Coursil (2015), com uma proposta inovadora que tem como base os sons da língua e seu encadeamento na fala; e, finalmente, Testenoire (2013) com sua interpretação renovadora dos anagramas, discutindo as fronteiras entre a oralidade e a escrita. São esses, para nós, exemplos de pesquisadores que se deixaram afetar pelo fônico.

Nesse sentido, o presente estudo, ainda que inicial, busca inspiração nessa forma renovada de lidar com a herança saussuriana. É por também nos sentirmos afetados pelo aspecto fônico da língua que seguiremos empreendendo nosso mergulho na noção de escuta em diferentes documentos do inquieto pesquisador genebrino.

Referências bibliográficas:

- COURSIL, J. *Valeurs pures: le paradigme sémiotique de Ferdinand de Saussure*. Limoges: Lambert-Lucas, 2015.
- GOMES, J.N. *Quando falar e ouvir é apropriar-se: uma reflexão sobre apropriação de línguas estrangeiras à luz da teoria saussuriana*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MARCHESE, M.P. Les manuscrits saussuriens sur la phonétique, du *Mémoire* au *Cours* de linguistique générale, *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62, 47-61, 2009.
- _____. Introduzione. In: SAUSSURE, F. *Phonétique: Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue : Unipress, 1995.
- MILANO, L. Jakobson, a fonologia e a herança saussureana. In : REBELLO, L.S. ;FLORES, V.N. *Caminhos da letras : uma experiência de integração*. Porto Alegre: Ed.Instituto de Letras/UFRGS, 2015a.
- _____. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *Eutomia*, v. 1, n.16, p. 245-258, 2015b.
- _____. O fônico em Saussure: um apêndice do Curso de Linguística Geral? In: FARACO, C. (Org.) *O efeito Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelas, Bélgica: De Boeck & Larcier, 2002.

- _____. *Le son et l'oreille: six essais sur les manuscrits saussureins de Harvard*. Paris: Lambert-Lucas, 2014.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.
- _____. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004. (organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler).
- _____. *Phonétique : Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue : Unipress, 1995.
- STAWINSKI, A. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- SURREAUX, Luiza Milano. O rastro do som em Saussure. *Nonada*. Porto Alegre, n.1, v.20, 2013.
- TESTENOIRE, P.-Y. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*. Limonges: Lambert-Lucas, 2013.

ⁱ Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e orientadora do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. luizamilanos@gmail.com

ⁱⁱ Professora de inglês da rede municipal de Porto Alegre e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). aline.stawinski@gmail.com

ⁱⁱⁱ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora de língua francesa e membro do Conselho de administração do Centre de la francophonie des Amériques (Québec). janainafrances@gmail.com